

## MEMÓRIA E MIGRAÇÃO: AS NARRATIVAS DE MÁRIO DIOGO DE MELO SOBRE O FLUXO MIGRATÓRIO DE CEARENSES PARA A AMAZÔNIA A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.

Antônio Alexandre Isidio Cardoso  
Mestrando em História Social – UFC  
alexandricardoso@gmail.com

Ao abordar as tramas da memória é salutar ter especial cuidado com os caminhos pelos quais passam sua elaboração, com as especificidades que permeiam sua interrelação com a história. Lembrar é um exercício fundamental dos seres humanos, que remete não somente a situações vivenciadas, mas também a narrativas passadas em outros tempos, apreendidas de diversas maneiras (por exemplo, através do contato com pessoas mais velhas), que encampam construções identitárias individuais e coletivas. Por isso, a memória conforma uma tipologia de fonte de riquíssima valia, que abre um significativo campo de possibilidades para perseguição do vivido, incluso no que vai sendo experienciado pelas pessoas. (BOSI, 2007)

É em diálogo com tais arrazoados que se discute no presente artigo a memória sobre a migração de cearenses para o território amazônico na segunda metade do século XIX, tendo como referência principal as narrativas de Mário Diogo de Melo (nascido em 15 de março de 1913 as margens do rio Purus, em localidade pertencente atualmente ao município de Boca do Acre – AM, onde reside até hoje), cuja ascendência é marcada pela presença de migrantes cearenses.

Seu tio-avô João Gabriel de Carvalho e Melo (cuja trajetória é o mote principal da dissertação ora elaborada) é um dos que marca uma espécie de *pioneirismo* na memória de sua parentela na floresta. Saído da Província do Ceará em 1847, em função de desentendimentos com a família por conta de dívidas, se estabelece após alguns anos em Belém, onde adquiri conhecimentos sobre as atividades econômicas locais<sup>1</sup>. Ao subir os rios da bacia o migrante defrontou-se com os opulentos seringais do Purus,

---

<sup>1</sup> Marcadas fortemente pelo extrativismo, impulsionado pela produção do látex que ganhava a cada dia mais força como matéria prima na indústria internacional oitocentista.

fonte de grande produção de látex a época, donde consegue acumular dividendos, que facilitam seu retorno posteriormente para a terra natal.

Contudo, João Gabriel não volta ao Ceará somente para rever os parentes, ou para novamente fixar residência na província, mas sim para levar consigo sua parentela para a Amazônia, juntamente com outras pessoas *dispostas ao trabalho*<sup>2</sup>. Pode-se perceber, nesse sentido, que foi sendo tecida uma espécie de rede de sociabilidade que encampava as possibilidades de migração destas pessoas para a floresta, que incluía os arranjos familiares, de amizade, e principalmente do exemplo do *igual*, do conterrâneo que migrou e retornou trazendo a Amazônia na boca, nas roupas, nos modos. (SAYAD, 1998)

Estes trajetos podem ser analisados através de diversas fontes<sup>3</sup>. Desta feita, percebendo a expressiva quantidade referências, comecei a vislumbrar a probabilidade de entrar em contato com algum outro pesquisador, ou mesmo, algum parente que tivesse em suas memórias alguma narrativa sobre o processo migratório. Decidi começar a procura, como por brincadeira, digitando o nome de João Gabriel de Carvalho e Melo no site de buscas *Google*, e para minha surpresa apareceu mais uma infinidade de indicações de fontes, inclusive referências sobre Mário Diogo, que guarda narrativas da sua família de migrantes, como um ávido pesquisador, que inclusive tem livros<sup>4</sup> publicados sobre o tema.

---

<sup>2</sup> João Gabriel de Carvalho e Melo pode ser caracterizado como um *Paroara*, espécie de intermediário entre as Casas Aviadoras (espécies de empreendimentos dedicados a importação e exportação, que financiavam a ida aos locais de exploração dos recursos da floresta, em troca dos mesmos, revendendo seus produtos – cereais, enlatados, armas, munição – a preços imensamente inflacionados) e os locais de exploração, que paulatinamente, com o aumento da demanda e da produção, iam localizando-se mais longe das praças de comércio, demandando um número sempre maior de trabalhadores. Desse modo, João Gabriel ao retornar a Província do Ceará em 1869 e em 1876, tinha como objetivo arregimentar pessoas “dispostas ao trabalho”, fiadas no seu exemplo de prosperidade, pois o migrante retornara exalando riqueza. Em tal situação os candidatos a “exploradores da Amazônia” estavam iniciando um processo de endividamento, – desde a viagem, tudo era anotado, e o trabalhador chegava ao local da faina já com dívidas a pagar com sua produção na floresta - agarrados as possibilidades de melhoria de condições de vida que o Norte das matas acenava. Ver. CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. **Ecos de blasphemias e ranger de dentes: trajetórias migrantes Ceará-Amazônia e o ofício dos Paroaras. (1852-1877)**. In. *Embormal* – Revista eletrônica da ANPUH-CE, v.1, p.1, 2010. Disponível em: [www.ce.anpuh.org/download/embormal/antonioalexandre.pdf](http://www.ce.anpuh.org/download/embormal/antonioalexandre.pdf)

<sup>3</sup> Como nos relatos do Presidente da Província do Amazonas João Wilkens de Matos (1870), no editorial do jornal *Cearense* que exalta seu embarque juntamente com 53 trabalhadores em 1869, em artigos da revista do Instituto Histórico do Ceará, entre outros.

<sup>4</sup> O primeiro trabalho intitulado “Do sertão cearense às barrancas do Acre” (1967), narra a trajetória de seu tio-avô João Gabriel de Carvalho e Melo. A segunda publicação consiste em suas “Memórias” (2006), onde o autor fala sobre sua vida pessoal, narrando alguns acontecimentos desde sua infância até casa dos seus noventa anos. O terceiro texto é “Boca do Acre e seus povoadores” (2008), onde Mário Diogo tece uma história político-administrativa do município, que se confunde com a própria trajetória de sua

Mário Diogo de Melo foi entrevistado em sua casa na cidade de Boca do Acre em 30 de julho de 2009, simpático e muito comunicativo, entre minhas perguntas e suas respostas falou durante aproximadamente duas horas sobre o tema, com palavras vibrantes, que acendiam seu semblante quase centenário. Sua fala transcorreu muito na vizinhança dos acontecimentos da vida do seu tio-avô, quase sempre fazendo alusão a seus livros, referindo-se repetidas vezes: “conto tudo lá”. Vale lembrar que a presença de João Gabriel é marcante em Boca do Acre não só nas reminiscências de Mário Diogo, mas também servindo como denominação da Escola e da rua principal da cidade, como monumentos da memória. É notável em Boca do Acre que ser parente de João Gabriel inspira orgulho, pois significa ter em sua ascendência um *forte*, um *desbravador*, um homem que começou a *encher aquelas matas longínquas* de cearenses. Tanto que durante a entrevista Mário Diogo toma ares de narrador de uma odisséia, ocasião em que João Gabriel é pincelado com as tintas de um Ulisses em sua longa viagem, recheada de audácia e pertinácia, enfrentando monstros e dificuldades, que assim como o herói de Homero, tinha o objetivo de retornar um dia a terra natal. Dialogando com François Hartog pode-se afirmar que “excedendo o instante, a viagem estende-se para o futuro que permite ao viajante contemplar-se, memorizar o que há para se ver e saborear o prazer de se ver” (HARTOG, 2004). Portanto, ao falar sobre João Gabriel e suas idas e vindas, Mário Diogo utilizava gestos largos, por vezes fazendo imitações, mudando o tom de voz, como que incorporando naquele momento o viajante, falando com todo o corpo, esforçando-se para projetar sua fala a altura dos *grandes feitos*, dando um aspecto solene à trajetória de João Gabriel.

É conhecido na cidade de Boca do Acre o episódio (reproduzida também na fala de Mário Diogo), do reencontro de João Gabriel com sua esposa, Mariana, que havia ficado no Ceará carregando o pesado encargo de criar a filha do casal sem o auxílio do companheiro. Conta-se que em seu primeiro retorno ao Ceará o migrante pensava em fazer uma surpresa para a esposa, presenteando-a com um cordão de ouro tão grande que poderia servir de laço, dando várias voltas em torno dela. Nas palavras do seu sobrinho-neto:

“Eu que quero fazer uma surpresa”. Aí ele foi e ela tava num engenho trabalhando. Quando mandou avisá-la que tinha chegado um senhor que queria falar com ela, ela veio. Quando chegou ele laçou ela com

---

família, incluindo a sua, levando-se em conta que Mário Diogo ocupou vários cargos públicos durante décadas – como Promotor, Prefeito e Deputado Estadual.

um cordão de ouro muito grande. Aí a Antônia, que era filha do casal, a única, disse: “senhor não seja tão atrevido, respeite minha mãe”.<sup>5</sup>

O cordão pode ser caracterizado como signo da redenção, como símbolo de sua volta triunfal, como um homem rico, que havia migrado como um fugitivo de uma vida miserável, mas que retornara prospero economicamente, como *exemplo*. Dessa maneira, não são feitas alusões a possíveis reclamações da esposa, ou desentendimentos em virtude dos longos anos de solidão e abandono, como se tudo fosse resolvido na base do “laço do cordão de ouro”. Ao contrário, tudo era motivo para festejar, afinal havia retornado aquele que ia dar cabo da miséria, que após longos anos desaparecido e formado na escola das dificuldades da vida, retornara para garantir um presente e um futuro de fartura, pois o devir estaria garantido nas distantes terras amazônicas.

Tratando ainda do retorno de seu tio-avô, Mário Diogo chama atenção para o fato da filha de João Gabriel, Antônia, estar às vésperas de seu casamento, num momento em que ninguém mais esperava o retorno do migrante, e que em sua revelia a família já estava fazendo os preparativos da cerimônia. Entretanto, Mariana, ao saber do retorno do marido e de sua riqueza, manda cancelar o casamento e os festejos, levando-se em conta que o pretendente era um moço pobre, filho de lavradores, e não seria um par adequado a filha de um homem de cabedais como o agora afamado João Gabriel. Ao saber de tal postura, o pai da noiva toma as rédeas da situação, como o legítimo chefe da família, e desautoriza Mariana a cancelar o casamento em função da pobreza do noivo, numa atitude que o faz lembrar seus tempos de dificuldades, e que ao mesmo tempo recorda aos outros tantos (familiares e convidados) que a pobreza não era sinônimo de vergonha, e que o pobre, como ele próprio, poderia vencer a miséria.

Ela já tava noiva. Aí a Mariana no outro dia chamou a filha e disse: “olhe o José Mariano é muito bom, um rapaz trabalhador, mas você é filha de um homem rico, e tem que acabar com esse casamento”. Quando João Gabriel soube, ele conversou com a filha, a filha tava triste, e ele perguntou a causa, aí ela contou. Então ele disse: “Olhe, sua mãe mandava aqui todo esse tempo, ela era a chefe da família, agora você há de obedecer a mim. Mas você ficou contrariada de muito né.” Aqui nesse livro eu conto isso. (...)

O João Gabriel aí foi pra casa e disse: “Olhe quem manda aqui sou eu, diga lá ao Zé Mariano que ele pode se preparar pra casar no dia que tava marcado o casamento, na mesma hora, com as mesmas testemunhas.”<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Entrevista de Mário Diogo de Melo – Boca do Acre, 30 de julho de 2009.

<sup>6</sup> Idem

É interessante destacar que o próprio migrante havia sido tratado com demérito no passado justamente por ser pobre. É marcante na fala de Mário Diogo o momento do desaparecimento de João Gabriel, quando este passava por graves problemas em função de um longo período de estiagem, tendo em sua casa Antônia recém-nascida, e Mariana em período resguardo, impossibilitada de ajudá-lo na labuta. Nessa situação o migrante resolveu pedir auxílio ao seu padrinho, João Paz, proprietário da fazenda das emburanas, requerendo um empréstimo para a compra de uma novilha, que auxiliaria no sustento da família. Porém, a benesse foi negada, e João Gabriel num rompante de desespero e vergonha, por não ter condições de prover seu lar, parte sem rumo, absorvido pela idéia de buscar alternativas, na alçada do fim da sua pobreza, para não passar mais por situação de tanto embaraço, mirando no horizonte o dia do retorno<sup>7</sup>.

Assim, longos anos depois, aproveitando o ensejo do casamento da filha, nas palavras de Mário Diogo, o migrante fez apenas um adendo à cerimônia, ele queria acrescentar mais uma testemunha ao casório. O convidado seria João Paz, o padrinho que havia negado o empréstimo no passado, e que (de alguma maneira) havia desencadeado toda a aventura de João Gabriel pela Amazônia. Era hora de acertar as diferenças, dando àquele acontecimento uma aura de *acerto de contas*, que via de regra terminava em banhos de sangue pelo sertão, mas que naquela ocasião teria outro desfecho.

Então depois ele pegou o cavalo e foi bater na fazenda das imburanas, que era a fazenda de João Paz (o padrinho), que era o Capitão João Paz, que era tio da Mariana e padrinho dele (J.G.). Aí ele (J.G.) foi lá, quando chegou já ele sabia que João Gabriel tinha chegado (no Ceará). O receberam muito bem, mas meio assim, aí ele disse: “tudo do passado foi esquecido. Eu vim aqui lhe visitar, e dizer que o senhor fez um benefício a mim, porque se eu tivesse ficado aqui não teria

---

<sup>7</sup> É possível vislumbrar a intenção do retorno a partir da leitura de uma das cartas de João Gabriel de Carvalho e Melo a seu pai, José Gabriel de Melo, escrita e enviada no ano de 1854 ao Ceará, onde o migrante diz: Meu amantíssimo pae, Pará 22 de Setembro de 1854. Primeiro que tudo estimo que Vmce. Minha mãe e toda nossa família estejam logrando saúde; e Vmces. me deem sua benção. No dia 17 do corrente aqui cheguei sem novidade. Está ancorado no Porto desta cidade o Vapor Rio Negro, em que devo seguir para a cidade de mesmo nome, Província do Amazonas onde pretendo estar até dia 10 de outubro vindouro. Tenho tido nesta cidade mui má informação do commercio daquella, e se for como me affirmão, logo que desponha as fazendas que levo, voltarei; é muito longe, e são grandes as despezas; só a minha passagem custa 200\$000 reis, e por cada conto de reis de fazendas serão nunca menos de 100\$000, isto é, vindas do Maranhão como as minhas. (...) V.mcês, roguem por mim, que com a ajuda do mesmo Deus pretendo dar a vocemecês com o que passarem o resto de seus dias. Adeus meus queridos Pais. Abenção. Aceitem o coração do obidiente filho João. In. BULCÃO, Soares. *O Comendador João Gabriel*. In Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, Fortaleza, Tomo 46:25, 1932. p.30

passado do que era. Eu fui, sofri muito, mas hoje eu posso perdoar, porque aquilo foi a causa da minha fortuna”. Bom, aí convidou ele pra ir no casamento pra ser testemunha.<sup>8</sup>

Feitas as pazes e realizado o casório, depois veio a festa, momento de beber a vitória do conterrâneo, de comemorar aquele triunfo plural, ligado a redenção da pobreza e a lavagem da honra daquele homem que agora voltava a segurar as rédeas de sua vida a contento. A festa consagrava o *exemplo* de João Gabriel, afinal, poderiam perguntar-se como ele havia conseguido enriquecer? O que existia de tão bom naquelas matas do Norte?

É possível, portanto, localizar na comemoração um momento ímpar, onde a figura do *Paroara*, mensageiro dos mundos do trabalho da floresta, toma forma de maneira mais nítida, pois entre uma libação e outra, ao sabor do *saracutiar* do samba, os efeitos do álcool e da música se misturavam aos sonhos de ser um João Gabriel no futuro. A situação era certa para a mensagem do agenciador, um *Paroara* que tinha como desígnio justamente arregimentar pessoas para a faina na floresta, cuja tarefa passava pela plantação das representações de uma Amazônia opulenta. Restava adubar bem o solo para que a florada fosse farta.

Uma obra de significativa importância para o entendimento do trabalho desses mensageiros da floresta é *O Paroara* de Rodolpho Teófilo (1899), que narra a saga de João das Neves, um jovem cuja vida é marcada pela desgraça nos sertões, e que decide abandonar a família e seguir o *Paroara* – João Simão - rumo ao Purus, no fito de explorar seus ricos seringais. O momento de uma festa (semelhante a narrativa de Mário Diogo) também é esboçado por Teófilo, quando o agenciador – depois de apadrinhar os filhos dos pobres, bancar a quermesse, etc – inicia sua fala sobre a Amazônia, tendo como contraponto o Ceará. De um lado riqueza, bonança, fartura e do outro somente a tradução da desgraça, sofrimento e pobreza.

Aqui, a seca torrando as plantas, esgotando as fontes; lá, água por toda parte, o rio-mar correndo com uma estupenda majestade centenas e centenas de léguas, alimentado por milhares de tributários, que serpenteiam a sombra de crescidas e copudas árvores e se lançam nele, que como um oceano fluviátil rola indolente até topar com o mar. Os recursos naturais acham-se profusamente espalhados. *Homem para comer não precisa trabalhar*. A caça não era miúda como a daqui, era grande e de tal abundância que não se dava vencimento. (...) Qualquer espojeiro(sic) lá dava mais futuro do que qualquer lavra de quinhentos passos daqui. Não era isso ainda tudo. *Ter a barriga cheia era bom*,

---

<sup>8</sup> Idem.

*mas a bolsa também ainda era melhor.* Qualquer caboclo ruim de serviço, mesmo lombando, tirava na roda do dia cinco quilogramas de borracha, que o patrão, embora estradeiro comprava por vinte mil réis. Aqui o trabalhador mais famanaz, alurado, o maior jornal que ganhava era oitocentos réis e isso a seca. (TEÓFILO, 1974:107)

A floresta aparece vestindo trajes de gala, sempre servindo como contraponto das mazelas que estavam sendo enfrentadas pelos antigos companheiros de sertão, tendo em vista que o próprio João Simão já havia vivido travosos tempos no Ceará, e conhecia bem as necessidades dos espectadores de sua fala. A água em abundância, as caças *que não eram miúdas*, os recursos que estavam *profusamente espalhados*, davam conta de um mundo onde *não se precisava trabalhar para viver*, um verdadeiro paraíso, que convidava aqueles homens sofridos e bêbados utilizando como instrumento a voz do Paroara. Havia ainda a possibilidade real de enriquecer, de fazer fortuna como ele próprio o fez com a extração da borracha, pois as cifras do pagamento na faina do látex eram muito superiores do que a remuneração nos extenuantes *jornais*<sup>9</sup>.

A seca é a fonte de inspiração para erigir a visão do paraíso amazônico em Rodolpho Teófilo. As representações do Ceará são atravessadas pelas agruras dos momentos de estiagem, do trabalho estafante sem retorno, destacando-se a falta d'água como base da narrativa das dificuldades enfrentadas pelos espectadores de João Simão. Os sonhos dos patrícios do Paroara eram atiçados pelas demonstrações de riqueza do agenciador, pelas representações do imenso rio, pelas terras sem fim (e quiçá sem dono), que aguardavam a tenacidade de corajosos, trabalhadores hábeis e fortes acostumados com a dureza dos tempos de seca, que facilmente, mesmo os *caboclos ruins* de serviço, conseguiriam vencer em terreno tão farto em possibilidades.

É possível afirmar que a leitura de *O Paroara* aproxima-se das narrativas de Mário Diogo de Melo, que, de maneira semelhante, destaca um momento de estiagem (a grande seca de 1877) como ponto de inflexão na trajetória dos migrantes cearenses rumo ao território amazônico. De modo que, segundo sua fala, João Gabriel, aproveitando o momento da seca, além de promover uma grande festa no casamento da filha, teria comprado uma infinidade de terras, cujos valores haviam decrescido em função dos problemas acarretados pela estiagem. Isto ia ajudando a delinear sua fama *nababesca*, pois era incompreensível para a realidade local um sujeito gastar sua fortuna

---

<sup>9</sup> Era a denominação comumente utilizada para denominar a remuneração dos lavradores por dia de trabalho, largamente utilizada no século XIX.

naquela ocasião, quando a maioria da população economizava, passando por maus bocados. Essas ações podem ser perfiladas ao lado das demais que incidiam no *exemplo*, onde um conjunto de expectativas eram corporificadas na pessoa de João Gabriel, que guardava o *segredo*, sabia os traçados corretos da trilha para a redenção da pobreza. Por isso, é interessante perceber na fala de Mário Diogo, que logo após tais negociações o migrante começa a organizar sua “expedição”, composta por dezenas de pessoas, incluindo alguns membros de sua família.

Aí foi que ele passou dois anos no sertão, em 77 naquela grande seca no Nordeste, ele achou muita gente que queria vender as propriedades, ele andou comprando logo algumas fazendas vizinhas aquela área que ele tava. Aí, foi preparar a expedição para voltar, todo mundo queria vim. Naquele momento de seca e tal, queriam vim pro Amazonas. E ele arranhou uma expedição grande, umas 70 pessoas. E preparou pra volta. Aí veio Mariana, veio o pai dele, veio meu avô, que era irmão dele, trouxe também o Benvenuto (também irmão de João Gabriel) que acompanhou ele, mais um outro que chamava Alexandre.... não, mas esse outro veio depois, ele (A.) não veio na mesma expedição. Que eu soube ele (A.) foi explorar o Iaco, um seringal lá, e deixou a mulher também no Ceará. Voltou quando a exploração já tava montada, ele(A.) voltou ao Ceará e trouxe a família.<sup>10</sup>

Pode-se dizer que esta série de contatos que foi sendo tecida, entre as idas e vindas dos migrantes, iam paulatinamente elaborando leituras sobre a realidade amazônica, seja através de suas representações ou da mobilidade dos sujeitos em si, alimentando uma grande rede de sociabilidades que foi atribuindo sentido as travessias. As marcas da seca de 1877-1879 foram sentidas com o aumento do número de pessoas que adentraram a bacia amazônica<sup>11</sup>, notadamente de cearenses, que além do trabalho dos agenciadores, também contaram com a atuação do Estado na subsídioção de passagens rumo aos portos da floresta.

Outro ponto a destacar diz respeito a questão da *veracidade* das falas de Mário Diogo, que não são colocadas em *check*, pois tem-se maior interesse nos aspectos da

---

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Os jornais de Fortaleza nos anos três anos de estiagem publicizavam, quase sempre com grande pesar, o grande aumento do número de embarques rumo a Amazônia, pois havia a preocupação com a “fuga de braço” da província. Como pode ser analisado a partir de vários trechos do jornal *Retirante*: “**Emigração**: No dia 25 do corrente seguiram para o norte, a bordo do vapor inglês *Bernard*, 169 emigrantes, que vão em busca de trabalho para manter sua subsistência.” (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza/CE, setor de microfilmagem, Domingo, 29 de Julho de 1877 – rolo 036A) **Emigração**: “No vapor *Pará* seguiram no dia 19 para o norte 203 emigrados e ontem no vapor inglês *Cearense* 126, ao todo 329, entre homens, mulheres e creanças!!! Infelizes escravos! Lamentamos vossa sorte!” (idem, Domingo, 26 de agosto de 1877 – rolo 036A) **Emigração**: “A bordo do vapor *Pernambuco* seguiram em busca de trabalho 121 migrantes! Já se eleva à 1,139 o número desses infelizes!”(idem, Domingo, 16 de setembro de 1877 – rolo 036A)

memória das trajetórias migrantes, das suas feições e construções, que certamente ajudam no entendimento da constituição do fluxo. Mas, é preciso salientar que as narrativas que traduzem uma idéia de Amazônia paradisíaca, comumente acionada por Mário Diogo na entrevista, não entra em sintonia, por exemplo, com a leitura das experiências da maioria dos que migraram, que, seguramente, não tiveram a mesma *sorte* que um João Gabriel e portanto, elegeram outros valores para representar a floresta (CARDOSO, 2008). É importante frisar ainda que nem todas as pessoas que migraram foram *levadas* por agenciadores, entrando em contato com a possibilidade de migrar de maneiras diversas.

Seria ingênuo afirmar que o fluxo migratório rumo ao território amazônico foi articulado apenas a partir do trabalho dos Paroaras, sem levar em considerações as articulações políticas, combinadas ou não, aos interesses dos que demandavam trabalhadores nas matas. Contudo, incorre igualmente no erro quem não levar em conta a tessitura das trajetórias e sua memória, a importância das redes sociais que foram sendo construídas, e que tiveram sua parcela de responsabilidade na composição da Amazônia como zona atrativa.

O valor das narrativas de Mário Diogo de Melo incide justamente na articulação de uma leitura das migrações que contempla também as pessoas que participaram das movimentações, ou seja, os próprios migrantes. Isto tem significativa importância levando-se em conta que muito do que se tem escrito sobre o tema oblitera tal perspectiva, dando aos cânones estruturais - econômicos e políticos - a delegação dos fluxos migratórios, como se as pessoas que viveram (e vivem) a experiência de trilhar longos caminhos, mudando de país ou região, não tivessem vontade, desejos, sonhos. Para a felicidade dos historiadores não há caminho se não há pegadas, marcas que deixam entrever os passos. Ao examinar os sinais deixados no percurso, descartando a possibilidade da escrita de uma história desencarnada, é bem provável que tenhamos a surpresa de descobrir quem passou por lá, e até de que maneira caminhavam, e para onde foram.

Com estas intenções alarga-se o campo de estudo das migrações entre Ceará e o território Amazônico nos oitocentos, na medida em que é agregada ao debate a problemática da trajetória dos migrantes, contemplando suas experiências em diálogo com outros fatores sintonizados ao processo histórico. Por isso considera-se de suma importância a análise das motivações que deram substância ao fluxo migratório,

referenciadas pelo interrelacionamento dos migrantes com as contingências sociais vivenciadas no bojo da travessia.

Essa tarefa de centrar a atenção no migrante reforça a intenção de vê-los em movimento, mas não necessariamente movidos por algo que lhes é exterior, movimentando-se no rastro das suas possibilidades, das suas intenções. Ao dialogar com a entrevista de Mário Diogo é possível perceber que os deslocamentos para a Amazônia eram atravessados por singularidades, onde situavam-se uma pluralidade de *motivações*, que foram construídas também sob o arbítrio dos migrantes, afinal, por que tantos foram para a Amazônia e não para outro lugar? Esta questão, que aparentemente diz respeito a algo tão subjetivo, não é impossível de ser analisada, pois apesar dos relatos serem encontrados nas fontes de maneira “exígua, dispersa e renitente” (GINZBURG, 1987:22), não é razoável perder de vista o papel dos que de fato *se deslocaram*, e que com certeza tem muito a dizer sobre tudo o que passou, como se passou e porque se passou. “É verdade que as informações se escondem, ralas e fragmentadas, nas entrelinhas dos documentos (...) Trata-se de reunir dados dispersos e de esmiuçar o implícito.” (DIAS, 1995:13-14)

E assim, a mistura de lamento e felicidade foi acompanhando a trajetória dos migrantes, que viveram, perceberam, elaboraram e transformaram seus caminhos em sintonia com a História. Enfim, coisas da vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Joaquim. **História das Secas (século XVII a XIX)** Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará. V. 1, n° 23, coleção História do Ceará, 1953.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: – Um Pouco – Antes e Além Depois.**[s.l] Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** . 14.ed. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio. **Trajetórias migrantes entre a Província do Ceará e a Amazônia: deslocamentos e representações.** Fortaleza – Universidade Federal do Ceará, Monografia de conclusão de curso. 2008.
- COSTA, Craveiro. **A conquista do Deserto Ocidental.** Rio Branco, Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história: Euclides da Cunha.-** São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata.** 4ed. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997.

- FUNES, Eurípedes. *El Dorado no Inferno Verde – Quem vive no inferno se acostuma com os cães*. Apud In. Gonçalves, Adelaide e Eymar, Pedro (orgs). **Mais borracha para a Vitória**. Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília: Ideal Gráfico, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da selva: história da migração nordestina para a Amazônia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- LOUREIRO, Antonio. **O Amazonas na época imperial**. Manaus. Loureiro Ltda, 1989
- MELO, Mário Diogo de Melo. **Boca do Acre e seus povoadores**. Manaus, Editora Valer, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Do sertão cearense às barrancas do Acre**. Rio de Janeiro, Editora de publicações científicas Ltda, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Memórias**. Manaus, Editora Valer, 2006.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- LACERDA, Franciane Gama Lacerda. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência. (1889-1916)**. 2006. Tese(doutorado): Programa de pós-graduação em História Social . Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Entre Árvores e Esquecimentos: História social nos sertões do Brasil**. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Paralelo 15 editores, Editora Universidade de Brasília, 1999.
- LIMA DE MORAIS, Viviane. **Razões e destinos da Migração: Trabalhadores e Emigrantes Cearenses pelo Brasil no final do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2003.
- REIS, Arthur César Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1953.
- RANGEL, Alberto. **Inferno Verde (scenas e escenarios do Amazonas)**. Tours, Typografia Arrault & Cia. 1927
- SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio de Pierre Bourdieu; tradução Cristina Muracho – São Paulo, EDUSP, 1998.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia. 1800- 1920**. São Paulo. Queroz, 1980.
- SECRETO, Verónica. *Ceará, a fábrica de trabalhadores: Emigração subsidiada no final do Século XIX*. In. **Trajeto** V.4- Dossiê: trabalho, trabalhadores. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2003.
- THEÓPHILO, Rodolpho. **O Paroara**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção social, 1974.
- WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.- (Estudos Históricos;20)
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

